

visto que para pensar era necessário cessar os registros, distrair-se. Talvez aí entre o analista, alguém que nos ajuda a não fugir do silêncio, a ouvir quem fala em nós, a dar algum sentido aos barulhos de nossa barriga que não são de fome (ou melhor, que são de fome, mas fome de quê?). “Toda vez que falta luz, o invisível nos salta aos olhos”, como lembram os Engenheiros do Hawaii em “Piano bar”. Toda vez que há silêncio, o desejo e a angústia se apresentam. Uma cidade sem noite precisa da sala de análise, com sua penumbra e silêncio.

Referências

- AKERMAN, C. **Toda uma noite**. [Toute une nuit]. França: Paradise Films, 1982. Filme.
- BORGES, J. L. Funes, o memorioso. In: BORGES, J. L. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 91-98.
- ENGENHEIROS DO HAWAII. Piano Bar. In: ENGENHEIROS DO HAWAII. **Ouça o que eu digo, não ouça ninguém**. São Paulo: BMG Ariola, 1988. Faixa 5.

Falar ou não falar: três metros de filó e uma conspiração de nuvens



Esta obra, intitulada *Livrai-nos do mal*, é da artista gaúcha Graça Craidy, que também “grita” por meio de pincéis e tintas. Ela faz parte da sua última exposição, *Meu bem, meu mal*, em que Graça “ergue a voz” contra as injustiças e as barbáries. (Link para conferir todas as obras da exposição: https://issuu.com/gauchazh/docs/_meu_bem_meu_mal_.)

FLÁVIA BERNARDI

Lygia Fagundes Telles, nossa diva da literatura e da simbologia, contou numa entrevista que quando “bem juvenzinha”, durante a Segunda Guerra Mundial, estudava na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e resolveu, junto com colegas, protestar contra a ditadura de Getúlio Vargas. Sabendo disso, o chefe de Segurança Pública avisou que os estudantes até poderiam se agrupar, mas não poderiam falar absolutamente nada. Eles decidiram, então, que aquela seria a “Passeata do silêncio”. Lygia comprou três metros de filó preto e distribuiu ao grupo, que amarrou o pano à boca e caminhou o trecho todo assim, silencioso, mas deixando claro que o silêncio vinha de uma imposição: tinham o que dizer, mas haviam sido proibidos de pronunciá-lo. Protestaram da forma que era possível: sem dizer nada, mas dizendo tudo.

Ela também achou um jeito de denunciar as torturas da ditadura em *As meninas* (1973), escrevendo uma sequência de denúncias e colocando-a no fim do livro, por sugestão do marido. Em outra entrevista, a escritora contou que os censores, não muito adeptos à leitura, acharam o seu livro “tão chato” que sequer chegaram ao final ou à “parte proibida”, liberando a sua publicação.

Anos depois, em janeiro de 1977, num voo

para Brasília, Lygia levou consigo um manifesto,⁵ assinado por mais de mil intelectuais brasileiros, contra a censura da época. Saiu disposta a entregar o documento a Armando Falcão, então ministro da Justiça. Mas naquela manhã um temporal causou turbulências assustadoras no avião, deixando todos a bordo apavorados. Naquele momento de tensão, ela sussurrou ao amigo que a acompanhava na viagem para a capital federal, o jornalista e historiador Hélio Silva: “É uma conspiração de nuvens”. Ele respondeu: “Se não cairmos agora, seremos presos na chegada”. Não foram presos, e ainda conseguiram entregar o tal documento de que falavam tanto. Lygia conta essa história no seu livro de contos e crônicas *Conspiração de nuvens* (Rocco, 2007), lançado três décadas depois, em 2007, e intitulado com a sugestiva frase usada por ela naquele janeiro em que até o conjunto de partículas no céu parecia usar farda e oprimir a passagem da liberdade. Ela sempre encontrou uma forma de dar voz aos seus protestos... e encontrou rotas para que nem as nuvens fossem empecilhos.

Fiquei imaginando o manifesto sendo entregue, atado por um filó preto, mas cheio de voz, tal qual a passeata da sua juventude. Lygia foi uma mulher inteligente, atenta, sensível, articulada: seria impossível que escrevesse as belezas profundas que escreveu se não pudesse contar com esse seu arsenal psíquico. Escrevemos o que temos, o que somos.

Hoje, em 2025 e longe da ditadura (que quase nos abocanhara novamente), podemos usar nossa voz de forma mais livre, apesar de escorregarmos para uma liberdade de expres-

são total – deliberada e oportunista – que gera *fake news* que apavoram meio mundo! A democracia é a possibilidade de ter voz, mas liberdade de expressão não significa dizer tudo o que se quer, porque a vida também exige silêncios e continências.

O linguista e filósofo norte-americano Noam Chomsky afirmou sobre as *fake news* no mundo contemporâneo: “O quadro do mundo que é apresentado às pessoas não tem a mínima relação com a realidade, já que a verdade sobre cada assunto fica enterrada sob montanhas de mentiras”.

Aproveito este espaço para falar do filme *Ainda estou aqui*, que rendeu prêmios ao Brasil e ainda divulgou um regime que causou tanta dor e dano (sim, sim, sim: a ditadura existiu e causou horror, apesar das irresponsáveis *fake news* jogadas livremente por aí, contrariando fatos e feridas). Eunice Paiva soube bem usar o pano preto de Lygia – ou talvez tenha sido o contrário! – e fazer importantes manifestações, até mesmo distribuindo sorrisos quando o fotógrafo exigia expressões sérias.

Penso que ainda precisamos decifrar melhor os momentos de usar a fita e os de tirá-la. Temos voz sempre, mesmo quando somos calados. Há momentos em que ficar em silêncio – quando conscientes dos fatos – não significa sermos mudos, hipócritas ou ignorantes: há vezes em que as nuvens dissipam-se por si sós; noutras, é inevitável recalcularmos a rota.

Como disse Camões, “Estou em paz com a minha guerra”. E complemento: temos que estar vivos e livres para poder lutar pelo que acreditamos, sempre encontrando uma forma de nos manifestar.

E a neutralidade? Que ela fique restrita aos nossos consultórios.

⁵ O manifesto (assinado por intelectuais importantes como Carlos Drummond de Andrade, Nélida Piñon, Antonio Carlos Jobim, Oscar Niemeyer, Heloneida Studart e Jorge Amado) criticava a censura de uma forma geral, mas denunciava especificamente os então recentes vetos a três obras de José Louzeiro, Ignácio de Loyola Brandão e Rubem Fonseca.